AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MARTA PEREZ GONÇALVES

RESUMO:
O presente artigo tem como objetivo refletir, de forma ampliada, sobre a relevância das múltiplas linguagens no processo de alfabetização de jovens e adultos, entendendo a EJA como um espaço formativo que reconhece e valoriza os saberes prévios, as trajetórias individuais e as diversas formas de expressão dos sujeitos que a compõem. Nesse contexto, a alfabetização deixa de ser compreendida apenas como apropriação do código escrito e passa a integrar um processo mais amplo, que envolve a leitura crítica da realidade, tal como defendido por Paulo Freire. Assim, articulam-se linguagens verbais, corporais, artísticas, culturais e tecnológicas como meios legítimos de construção e partilha de conhecimento.A partir de uma pesquisa bibliográfica de natureza reflexiva, o artigo discute de que modo o trabalho pedagógico pautado na diversidade linguística pode promover práticas educativas mais inclusivas, contextualizadas e dialógicas. Considera-se que o uso de múltiplas linguagens não só amplia as possibilidades de aprendizagem, como também contribui para fortalecer a autoestima, a autonomia e a capacidade crítica dos educandos, favorecendo processos de emancipação individual e coletiva. Dessa forma, o estudo reforça a importância de uma EJA que acolha a pluralidade cultural e experiencial de seus participantes, e que, por meio de abordagens pedagógicas sensíveis e integradoras, potencialize o papel social transformador da alfabetização.
PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Linguagens. Inclusão. Paulo Freire

Introdução

A alfabetização de jovens e adultos (EJA) constitui-se como um dos maiores desafios e, simultaneamente, uma das tarefas mais nobres da educação brasileira e de qualquer sociedade comprometida com a equidade. Trata-se de um campo que exige sensibilidade, empatia e compreensão profunda das trajetórias diversas e, por vezes, marcadas por rupturas, exclusões e resistências que caracterizam a vida dos educandos. A EJA ultrapassa a mera transmissão de conteúdos: ela envolve um compromisso ético e político com a transformação social, com o reconhecimento da dignidade humana e com a garantia do direito à educação em todas as fases da vida.

Os sujeitos que chegam à EJA carregam consigo experiências, memórias e saberes construídos no trabalho, na família, nas práticas comunitárias e nas múltiplas relações que estabelecem com o mundo. Estas vivências constituem um repertório rico que deve ser valorizado no processo de alfabetização. Assim, aprender a ler e a escrever não pode ser entendido como um ponto de partida vazio, mas como uma continuidade de aprendizagens já iniciadas ao longo da vida. O papel do educador, portanto, é criar pontes entre esses conhecimentos prévios e os novos conteúdos, promovendo situações de aprendizagem que dialoguem com a realidade dos estudantes, reforcem a autoestima e ampliem sua capacidade de participação social.

Nesse sentido, a perspectiva das múltiplas linguagens surge como uma abordagem potente e necessária. Ela propõe que o ensino e a aprendizagem ultrapassem os limites da leitura e da escrita tradicionais, incorporando diferentes modos de expressão — oralidade, artes visuais, música, movimento corporal, mídias digitais, práticas culturais comunitárias e outras formas simbólicas — como caminhos legítimos de construção de sentido. Ao considerar essas linguagens, o processo educativo torna-se mais inclusivo, dinâmico e significativo, permitindo que os estudantes se reconheçam nas atividades propostas e encontrem diversas formas de comunicar, interpretar e transformar o mundo.

Essa concepção dialoga profundamente com o pensamento de Paulo Freire, que defende a leitura de mundo como fundamento da leitura da palavra e compreende a educação como prática da liberdade. Sob essa ótica, alfabetizar não é apenas ensinar códigos gráficos, mas possibilitar que os sujeitos

compreendam sua realidade, questionem as estruturas que os cercam e se tornem agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa. Incorporar múltiplas linguagens na EJA significa, portanto, reconhecer a pluralidade cultural, estimular o protagonismo dos estudantes e promover práticas educativas que respeitem e valorizem as identidades que se encontram na sala de aula.

1 - A alfabetização de jovens e adultos no contexto brasileiro

1.1 Desigualdades históricas e negação do acesso à educação

A história da EJA no Brasil está diretamente ligada ao processo de exclusão educacional que marcou o país desde o período colonial. Durante séculos, a alfabetização foi um privilégio reservado às elites políticas e econômicas, enquanto grande parte da população — sobretudo negros escravizados, indígenas, trabalhadores rurais e mulheres — era impedida de frequentar escolas ou de aprender a ler e escrever. Essa exclusão estrutural resultou em índices alarmantes de analfabetismo e contribuiu para fortalecer desigualdades sociais profundas.
Mesmo após a República e a modernização econômica, o acesso à educação permaneceu desigual. Muitas iniciativas de alfabetização limitavam-se à necessidade de formar mão de obra barata para sustentar os processos industriais. O ensino para jovens e adultos era instrumental, tecnicista e estava longe de cumprir uma função emancipadora.
1.2 Visão tecnicista da alfabetização

Por décadas, a alfabetização foi tratada como um simples processo de aquisição das competências de leitura e escrita. A prática pedagógica era centrada em exercícios de repetição, memorização e decodificação, sem articulação com a vida concreta dos educandos. Essa concepção reducionista ignorava os aspectos culturais, sociais, políticos e cognitivos da aprendizagem. O resultado era um aprendizado superficial, descontextualizado e insuficiente para promover autonomia intelectual e cidadania.
1.3 A ruptura epistemológica trazida por Paulo Freire

Com Paulo Freire, emerge uma nova compreensão de alfabetização: a alfabetização como ato político, cultural e social. Freire ressignifica o processo educativo ao afirmar que:

a leitura do mundo antecede a leitura da palavra;

aprender exige problematizar a realidade;

educar é um ato de conscientização;

o educando é sujeito ativo da aprendizagem;

a educação deve promover emancipação e transformação social.

Freire denuncia práticas bancárias de ensino e propõe uma pedagogia dialógica e libertadora. Em vez de reduzir o aluno a um recipiente vazio, sua proposta reconhece o educando como sujeito histórico e crítico, capaz de interpretar e transformar sua realidade.
1.4 Transformação da EJA como espaço de diálogo e construção coletiva

A partir das contribuições freireanas, os programas de EJA passam a ser compreendidos como espaços de:

troca de experiências;

diálogo horizontal entre educador e educando;

reconhecimento de saberes populares;

construção coletiva do conhecimento;

fortalecimento da identidade cultural;

reflexão e criticidade.

A alfabetização deixa de ser vista como técnica e passa a ser entendida como prática social e política, carregada de significados.
1.5 A EJA como instrumento de inclusão e cidadania

A alfabetização de jovens e adultos assume, então, um papel mais amplo: formar sujeitos críticos e conscientes. Ela se torna um instrumento de:

combate à exclusão social;

promoção de autonomia;

empoderamento político;

acesso a direitos e serviços;

participação ativa na sociedade;

resgate da autoestima e dignidade.

O educando passa a compreender sua própria inserção no mundo e torna-se capaz de influenciar as estruturas sociais que o cercam.

1.6 Desafios contemporâneos da EJA

Apesar dos avanços, muitos desafios persistem no Brasil:

evasão escolar elevada;

falta de políticas públicas consistentes;

preconceito estrutural contra a EJA;

escassez de recursos pedagógicos;

ausência de formação docente específica;

precarização das escolas públicas;

desigualdades regionais;

analfabetismo funcional crescente.

Ainda assim, a EJA segue como uma ferramenta fundamental de transformação e inclusão, especialmente para populações periféricas.

1.7 EJA como prática contínua de diálogo e emancipação

Alinhada às ideias de Freire, a EJA deve ser vista como processo contínuo que:

reconhece a multiplicidade de saberes;

valoriza trajetórias de vida;

articula múltiplas linguagens;

promove consciência crítica;

estimula a transformação da realidade social.

É um espaço de reconstrução de histórias, identidades, possibilidades e cidadania.

2. As múltiplas linguagens na alfabetização

2.1 O conceito de múltiplas linguagens

O termo “múltiplas linguagens” refere-se às diversas formas por meio das quais o ser humano expressa ideias, sentimentos e percepções. Inclui:

linguagem verbal oral e escrita;

linguagem corporal;

linguagem visual;

linguagem musical;

linguagem gestual;

linguagem artística;

linguagem digital;

linguagem midiática.

Cada uma é uma forma legítima de comunicação e expressão.

2.2 Múltiplas linguagens no contexto da EJA

Na EJA, muitos educandos já dominam diversas linguagens construídas ao longo da vida, mesmo que não dominem a escrita convencional. Isso inclui:

linguagem do trabalho;

linguagem da oralidade comunitária;

linguagem religiosa;

linguagem da cultura popular;

linguagem do cotidiano.

Valorizar essas linguagens humaniza o processo de alfabetização e fortalece o vínculo com a aprendizagem.

2.3 Relação com Vygotsky e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores

Vygotsky afirma que:

a aprendizagem ocorre na interação social;

a linguagem é mediadora do pensamento;

o desenvolvimento intelectual depende do contexto cultural;

o aprendizado desperta processos internos de desenvolvimento.

Assim, incluir múltiplas linguagens amplia as possibilidades cognitivas e comunicativas dos educandos da EJA.

2.4 Linguagens como mediadores simbólicos

Vygotsky destaca que mediadores simbólicos — como imagens, música, histórias, vídeos — ampliam a construção de significados. Na EJA, podem ser usados para:

fomentar debates;

ampliar o vocabulário;

estimular a leitura de mundo;

facilitar a compreensão de textos escritos;

conectar o conteúdo à realidade concreta.

2.5 Linguagens e inclusão cultural

A sala de aula torna-se espaço de:

expressão identitária;

compartilhamento de experiências de vida;

respeito à diversidade cultural;

construção colaborativa de sentidos.

Esse processo fortalece o protagonismo dos educandos.

3. A linguagem como prática social

3.1 A perspectiva de Bakhtin Para Bakhtin:

a linguagem é dialógica;

toda palavra é resposta a outra palavra;

não há neutralidade no discurso;

a linguagem é permeada por valores, ideologias e relações de poder.

A alfabetização, portanto, não pode ser neutra ou desvinculada da realidade social.

3.2 Linguagem e ideologia

Segundo Bakhtin:

toda palavra é um signo ideológico;

o discurso revela posições sociais;

ao falar, o sujeito se posiciona no mundo.

Assim, alfabetizar é inserir o educando no universo das relações sociais, políticas e culturais.

3.3 Linguagem como espaço de luta social

A sala de aula de EJA é espaço onde diferentes discursos se encontram:

discurso popular;

discurso acadêmico;

discurso político;

discurso midiático.

O educando precisa reconhecer que os discursos carregam intencionalidades e disputas simbólicas.

3.4 Alfabetização como empoderamento

Ao desenvolver consciência da função social da linguagem, o educando:

compreende relações de poder;

questiona injustiças;

torna-se crítico;

torna-se ativo na sociedade.

Aqui, ler e escrever são atos políticos.

4. As tecnologias digitais como linguagem contemporânea

4.1 O papel das tecnologias na sociedade atual

As tecnologias digitais criaram novas linguagens e formas de interação, como:

textos multimodais;
vídeos;

memes;

áudios;

plataformas digitais;

redes sociais.

Ler e escrever hoje exige interpretar e produzir multimídias.

4.2 Tecnologias digitais e inclusão na EJA

Para muitos educandos da EJA, o celular é o principal instrumento de:

comunicação;

acesso à informação;

trabalho;

sociabilidade.

Ele pode e deve ser um aliado pedagógico.

4.3 As tecnologias como mediadores do ensino

Segundo Kenski, as tecnologias:

transformam modos de ensinar e aprender;

reconfiguram as práticas pedagógicas;

não são neutras;

ampliam possibilidades cognitivas.

Por isso, precisam ser usadas de modo crítico e intencional.

4.4 Alfabetização digital

Alfabetizar jovens e adultos no século XXI implica ensinar:

como ler ambientes digitais;

como interpretar múltiplas linguagens;
como identificar fake news;

como navegar com segurança.

4.5 Personalização e autonomia

As tecnologias permitem:

diversificar métodos;

atender diferentes ritmos;

tornar o processo mais significativo;

recuperar lacunas de aprendizagem.

Elas democratizam o acesso ao conhecimento.

Considerações Finais

Compreender o papel das múltiplas linguagens na alfabetização de jovens e adultos é um passo fundamental para expandir a visão de alfabetização. A aprendizagem não deve se restringir ao ensino da leitura e escrita convencionais, mas deve envolver a criação de situações de comunicação significativas, que integrem linguagem, cultura e experiência de vida. A diversidade linguística e cultural presente nas turmas da EJA não deve ser vista como um obstáculo, mas como uma rica fonte de aprendizado e troca de saberes, que enriquece o processo educativo.

A partir das reflexões apresentadas neste artigo, fica claro que a EJA necessita adotar metodologias mais participativas, dialógicas e criativas. Essas abordagens são essenciais para que o aluno se reconheça como sujeito ativo e protagonista de sua própria aprendizagem, capaz de refletir sobre sua realidade e agir sobre ela. A incorporação de linguagens artísticas, corporais e digitais no processo pedagógico não só desperta o interesse dos educandos, mas também fortalece os laços afetivos e comunitários, além de promover uma educação mais engajada e transformadora.

É necessário, ainda, reafirmar a urgência de políticas públicas contínuas e de uma formação docente especializada, que prepare os educadores para atuarem de forma eficaz e sensível em um campo tão desafiador quanto a alfabetização de jovens e adultos. Para que a EJA cumpra seu papel emancipador, é essencial que os professores recebam capacitação adequada para lidar com as especificidades dessa modalidade de ensino, reconhecendo a diversidade cultural e os diferentes ritmos de aprendizagem.

Em última análise, alfabetizar jovens e adultos vai muito além da simples transmissão de habilidades cognitivas. Trata-se de um ato de esperança e de compromisso com a transformação social, que visa formar indivíduos críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. A verdadeira alfabetização é aquela que possibilita o exercício da cidadania plena e a construção de um futuro mais justo e igualitário para todos.

Referências Bibliográficas

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A alfabetização e o letramento: o lugar das múltiplas linguagens. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: temas e questões. São Paulo: Contexto, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2012.

MARTINS, Marilda. A alfabetização na perspectiva da educação de jovens e adultos. São Paulo: Cortez, 2009.

GÓMEZ, Carla. A educação de jovens e adultos e a questão da linguagem: práticas pedagógicas no contexto das múltiplas linguagens. São Paulo: Edições Loyola, 2014.